

## PROTAGONISMO JOVEM E EDUCAÇÃO IMAGÉTICA

*Cíntia Diel<sup>1</sup>*  
*Elaine Mayworm<sup>2</sup>*  
*Lara Sayão<sup>3</sup>*

### RESUMO

Na sociedade da imagem, a cultura da mídia apresenta alegorias que revelam as angústias, aspirações e a cosmovisão dos grupos sociais. A leitura crítica das alegorias possibilita um diagnóstico sério das relações e vivências cotidianas. Para além do entretenimento, a fantasia é geradora de realidade na medida em que a relação com a imagem fundamenta e significa a ligação com o real. A geração presente hoje nas escolas secundárias é nascida numa cultura consumista-hedonista-individualista de realizações imediatas e de relações efêmeras e mediadas. A própria relação com o conhecimento sofre da imposição do imediatismo favorecido pela disponibilização gigantesca de informações e pelo rápido acesso. Entendendo a imagem como mediação entre homem e mundo, a formação pela crítica da imagem favorece um diálogo mais profundo com a cultura, fomentando a capacidade de leitura e síntese imagética. Numa proposta inovadora, o Ensino Médio Integrado à Formação Audiovisual (Rio de Janeiro) prioriza uma educação pela análise crítica das mídias que objetiva o uso da imagem de modo autoral como expressão de si para um diálogo com o mundo. Nesta proposta, os jovens estudantes são protagonistas na construção de projetos midiáticos autorais, elaborando roteiros e argumentos estimulados pela discussão de temas geradores. Além da reflexão teórica sobre a educação de jovens numa cultura da mídia, esta comunicação se propõe a discutir dois filmes produzidos pelos estudantes como síntese da compreensão de mundo através de imagens: “Confidencial” e “Uma cidade, uma vida”.

**Palavras-chave:** Educação midiática; jovens; audiovisual.

### RESUMEN

Imagen en la sociedad, la cultura mediática presenta alegorías que revelan las preocupaciones, las aspiraciones y la visión del mundo de los grupos sociales. Una lectura crítica de alegorías permite un diagnóstico de las relaciones serias y experiencias cotidianas. Además de entretenimiento, fantasía genera la realidad, en comparación con la imagen base y medios de conexión con la realidad. La generación actual de las escuelas secundarias de hoy nace en una cultura hedonista-individualistas logros consumistas relaciones inmediatas y efímeras y mediada. La propia relación con el conocimiento sufren la imposición de la inmediatez favorecida por la disponibilidad de información y el acceso rápido gigante. Entendiendo la imagen como un mediador entre

---

<sup>1</sup> Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Língua Portuguesa do curso de Ensino Médio Integrado em Audiovisual do CE Dom Pedro II (Petrópolis-RJ). Contato: cintia.diel@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Comunicação Crítica e Produção Textual em Audiovisual do curso de Ensino Médio Integrado em Audiovisual do CE Dom Pedro II (Petrópolis-RJ). Contato: maywormel@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Professora de Antropologia Filosófica e Ética desta instituição. Professora de Filosofia do curso de Ensino Médio Integrado em Audiovisual do CE Dom Pedro II (Petrópolis-RJ). Contato: lara.sayao@ucp.br.

el hombre y el mundo, la formación de imagen crítica a favor de un diálogo más profundo con la cultura, el fomento de la capacidad de leer y las imágenes sintéticas. En un enfoque innovador, la Escuela Integral de Capacitación Audiovisual (Rio de Janeiro) da prioridad a la educación para el análisis crítico de los medios de comunicación que tiene la intención de uso de la imagen a fin de autor la expresión de un diálogo con el mundo. En esta propuesta, los jóvenes estudiantes son protagonistas en la construcción de proyectos de acciones de comunicación, el desarrollo de guiones y argumentos estimulados por la discusión de los temas generadores. Además de la reflexión teórica sobre la educación de los jóvenes en una cultura mediática, esta comunicación tiene como objetivo discutir dos películas producidas por los estudiantes como una síntesis de entender el mundo a través de imágenes “Confidencial” y “Ciudades”.

**Palabras clave:** Educación mediática; juventude; audiovisual.

## INTRODUÇÃO

O protagonismo passa necessariamente pela formação de indivíduos cidadãos, críticos, éticos, comprometidos com o seu entorno e com o seu planeta, e isso não se consegue da noite para o dia. A realidade da escola pública, em qualquer lugar do mundo, pede socorro há décadas. No Brasil essa situação parece se agravar, pois embora os indicadores governamentais mostrem um avanço, o que temos na prática é um retrocesso, e são raros os casos em que se dá voz, de modo consistente, ao jovem.

Preocupados com esse rumo, dotados de disposição pra romper com/ transformar uma visão cristalizada sobre educação pública e vislumbrar outras possibilidades de fazer com que essa educação possa, de fato, emancipar, construímos uma proposta de Ensino Médio Integrado (Petrópolis, RJ, Brasil)<sup>4</sup> com a exibição de filmes, palestras com profissionais da área do audiovisual, mostras audiovisuais, teatros, museus, exposições, entre tantas outras atividades práticas, aulas mais dinâmicas que, sem deixar a teoria de lado, pudessem apresentá-la aos estudantes de modo desafiador e provocativo, possibilitando, assim, a reflexão e a mudança de postura, de comportamento.

Mas como fazer isso, com todas as amarras que uma educação tradicional, calcada em estatísticas e metas, nos impõe? Tal reflexão, aliada a outros fatores,

---

<sup>4</sup> O curso de Ensino Médio Integrado/Técnico em Audiovisual foi implantado em 2008 no Colégio Estadual Dom Pedro II, na cidade de Petrópolis (RJ, Brasil) atendendo a uma demanda do Ministério da Educação e Cultura (MEC) por uma modalidade neste nível de ensino em tempo integral e de caráter integrado e profissionalizante. A proposta está baseada em três balizadores: “educação para os meios”, “educação com os meios” e “educação pelos meios”, e atende cerca de 160 alunos atualmente, na faixa etária dos 14 aos 18 anos, nas três séries do Ensino Médio.

determinaram a criação de um projeto político-pedagógico e de uma matriz curricular que promovem a transdisciplinaridade proposta pelos documentos oficiais do governo, e propicia aos jovens um curso de Ensino Médio dinâmico e envolvente, pois alia os conhecimentos propedêuticos necessários para enfrentar os desafios das provas públicas (Enem, Saerj, vestibulares, concursos...) e disciplinas profissionalizantes na área do Audiovisual a experiências práticas, que estimulam sua proatividade no momento em que esse conjunto de saberes é posto à prova, apresentando-lhes um ensino que “fala a mesma língua”. Nesse sentido, e aparecendo como um eixo norteador dos trabalhos, a educação imagética analítica e reflexiva assume um papel preponderante nesse processo. Há um esforço no sentido de, ao exibirem uma película em suas aulas, os educadores promovem uma discussão integrativa de conteúdos que contextualizam os assuntos e possibilitam a interpenetração e o diálogo entre as disciplinas, transformando a escola num organismo dinâmico, que “conversa entre si”. Esse modo de apresentar um tema, por exemplo, garante ao estudante um olhar mais crítico sobre o mundo, o qual se exemplifica em seus trabalhos acadêmicos e se amplia em posturas e práticas cidadãs, dentro e fora da escola. Em sua *Ética da Autenticidade*, Taylor aponta para uma tendência a um ‘fechamento em seu próprio coração’ que favorece o individualismo e impede a consciência cidadã na contemporaneidade, valorizando os interesses da vida privada em detrimento dos interesses comuns (2011, p. 19). Entendemos que é a escola um espaço favorável para o alargamento do horizonte reflexivo que pode oportunizar o protagonismo pessoal e social, ou seja, fomentar que o jovem se entenda autor de sua história pessoal e agente social, protagonista também, da História.

#### **RELATOS DE EXPERIÊNCIAS PROTAGÔNICAS**

Em nossa prática cotidiana no referido curso de Ensino Médio Integrado, percebemos que o protagonismo juvenil acontece, de fato, quando o estudante atinge a 3ª série. Por questões curriculares e de formação profissional, é neste momento que consideramos o discente preparado para criar um produto audiovisual que reflita os conhecimentos acumulados ao longo do curso, integrando as disciplinas do núcleo propedêutico (de acordo com as políticas brasileiras em educação, são as matérias da base comum do Ensino Médio) às disciplinas chamadas profissionalizantes (no nosso

caso, aquelas que compõem o núcleo audiovisual). Como verificação de aprendizagem, esse processo pode ocorrer de duas maneiras: individualmente (com monólogos, curtas ou microdocumentários, entre outros) ou coletivamente, com os estudantes divididos em grupos e responsáveis por funções predeterminadas. Nesta comunicação, vamos relatar uma experiência de cada um dos tipos.

A primeira delas ocorreu em 2012, como proposta de trabalho bimestral para a disciplina de Geografia. Ciente de que seus alunos do 2º ano do Médio Integrado já entendiam e dominavam algumas ferramentas técnicas (elaboração de roteiro, captação de som e imagens, edição, por exemplo), o professor Frederico Barcellos propôs que a atividade avaliativa sobre a temática “espaço urbano” – parte do eixo conceitual “Brasileiridade” que permeia todas as discussões e conhecimentos na referida série – fosse desenvolvida em formato de vídeo. Desafiados pela pergunta-motor “*O que você pensa sobre a cidade?*”, os estudantes elaboraram, individualmente, seus projetos, os quais foram apresentados para toda a turma. “*O conceito de cidade é muito amplo, permite uma pluralidade de interpretações e era isso que tentei despertar entre os adolescentes. Qual seria a contribuição de cada um sobre o tema da cidade, de que modo avaliam sua participação nessa cidade?*”, declara Barcellos (MAYWORM, 2013).

Entre as produções, destacou-se *Uma cidade, uma vida*, do jovem Bruno Graebner Pavão, então com 16 anos. O vídeo chamou a atenção não só pela qualidade técnica, mas pela reflexão que perpassava as imagens e o texto forçou-nos a pensar na importância de uma educação imagética que propicia ao sujeito o dar-se conta do mundo que o cerca e que o prepara para os desafios do cotidiano, de modo ético e com ações coerentes. Uma educação do olhar, uma educação da sensibilidade, pois no contexto do rápido, do vazio e do efêmero, custa-nos observar, calar, perceber. A reflexão exige calma e cuidado. A proposta de produção audiovisual favorece a reflexão, uma vez que contempla a criação e a elaboração de roteiro, além da escolha das imagens. Há uma nova relação com a realidade, muito mais cuidadosa, no sentido pensado por Flusser sobre a relação do olhar com a imagem, que é uma relação significativa num outro tempo, que ele chama tempo da magia, diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos, pois as imagens são as mediações entre o homem e o mundo (2011, p.23). Ao propor a produção do audiovisual autoral, nosso objetivo é favorecer esse tipo de relação com o mundo, capaz de geração significativa e

de alteração do olhar. O vídeo em questão se destaca não apenas por seu primor técnico. Há uma sensibilidade expressa nas palavras, mas, especialmente, no modo como o estudante escolhe as imagens que ilustram seu curta: *“Somos uma única pessoa. Uma pessoa entre milhões numa cidade – e esses outros milhões também são pessoas únicas. O que conhecemos sobre a unidade humana e as cidades?”*, frases que Bruno desenvolve e que revelam que houve uma reflexão e uma nova relação com o real, objetivos da nossa proposta de educar pela imagem e para a imagem. Neste filme percebemos que um jovem de 16 anos é capaz de analisar o mundo em que vive e discutir questões como solidariedade, relação com o outro, unidade na diversidade e tantos outros conceitos apresentados nas aulas teóricas que, pelo olhar crítico da comunicação e por uma educação imagética consciente, favorecem a formação do sujeito responsável por suas ações na sociedade em que está inserido. Algumas dessas indagações se expressam nas palavras do próprio estudante:

“Tamanha foi a minha empolgação com o projeto que simplesmente me esqueci do fato de ser obrigatório. Sabendo que deveria produzir um vídeo com o tema central ‘cidade’, andei pelas ruas captando imagens do dia a dia de Petrópolis; depois de mais ou menos um dia de gravações, tive a ideia da aproximação que teria ao tema – uma discussão sociofilosófica sobre a existência humana e a presença dela em um meio urbano” (MAYWORM, 2013).

Entendemos também que as sensações provocadas por esse vídeo – a desidentificação dos sujeitos no meio da massa, expressa na falta de olhares, de cumprimentos; a simples ocupação/divisão do espaço físico, sem uma reflexão do nosso papel no mundo; o ir e vir aleatório, que não nos permite enxergar os signos da cidade, e até mesmo certo ar pessimista e melancólico expressa todo o processo criativo de produção desse vídeo. Bruno, além de escrever o roteiro, operar os equipamentos, editar o material bruto, ainda atua, sendo mais um indivíduo dentro desse turbilhão e dessa invisibilidade que as grandes cidades impõem ao sujeito. Caminhamos aqui por um conceito desenvolvido por Kellner: “pedagogia da imagem” (apud SARDELICH, 2006), a partir do qual entendemos que leitura crítica da imagem implicaria em apreciá-la, decodificá-la e interpretá-la, numa análise tanto da forma de sua construção

quanto do conteúdo que comunicam em situações concretas. Suas palavras são esclarecedoras nesse sentido:

É nesse sentido que se considera a produção de imagens como um desses mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento (SARDELICH, 2006, p. 459).

Nesse sentido, pode-se afirmar que tanto nossas experiências quanto nossas identidades são socialmente construídas e sobredeterminadas por uma gama variada de imagens, discursos e códigos. Mas, e voltando a dialogar com Maria Emília Sardelich, o significado da “leitura de imagem” não se faz de forma unívoca entre os estudiosos. “Apesar do crescente interesse pelo visual, a expressão ‘leitura de imagem’ não é consenso entre artistas, educadores, historiadores, sociólogos e antropólogos, já que para vários pesquisadores desses campos não é possível ‘ler’ uma imagem (SARDELICH, 2006, p. 461). No entanto, há autores que, como Sardelich, acreditam nesse viés de leitura, como Alberto Manguel e Eliana Yunes, e nos instrumentalizam nessa seara que é a educação imagética, posto que a imagem existe como narrativa, como rede de significações, disponibilizada para a recepção de seus leitores/telespectadores.

E o processo de significação permeia toda a questão da leitura. O poder de atribuir significados a um texto de qualquer natureza é conferido ao sujeito leitor, que traz consigo uma carga subjetiva construída por sua experiência de vida. Ele olhará para um texto/imagem de forma particular e seu ponto de vista determinará sua relação com este objeto, de modo a transformá-lo e a se transformar.

O segundo exemplo de protagonismo e educação imagética também é de 2012 e foi desenvolvido como projeto final por um grupo de estudantes da 3ª série. O curta-metragem ganhou o sugestivo nome de *Confidencial* e trata de um assunto bem contemporâneo: a relação entre as mídias e o poder. Essa apropriação de um conteúdo midiático – a todo instante menciona-se casos de corrupção política, com sanções que variam de acordo com o país e, no Brasil, o assunto “mensalão” ainda estampa os noticiários – relacionada à nossa própria formação cultural e política discutida nas aulas de História, Sociologia, Filosofia e Comunicação Crítica, possibilitou a esse grupo de

alunos pensar em como a ficção poderia ser uma via de denúncia e discussão dessa problemática.

*Confidencial* é um curta-metragem de onze minutos, resultado do projeto autoral dos estudantes concluintes do EMI. Por autoral se entende toda produção desenvolvida exclusivamente pelos alunos – desde a concepção da ideia, escritura do argumento, do roteiro original e planos de filmagem, providenciamento de condições técnicas para produção do vídeo, edição/montagem e finalização. Aos professores cabe o lugar de mediadores, sem interferência direta no processo produtivo. Ou seja, os discentes devem, nesse momento, assumir a posição de sujeitos proativos e protagonistas, construtores do seu próprio conhecimento e responsáveis pela maneira como este se reflete em seu campo de atuação. O curta-metragem narra uma situação nada incomum: um jornalista investigativo descobre relações entre um famoso político e integrantes de uma força policial. Ao se sentir ameaçado após assistir pelo noticiário da TV que seu informante havia sido assassinado, o jovem repórter tenta fugir, escondendo as provas que podem salvar sua vida, mas é tarde. Ele é sequestrado e morto a mando do representante legislativo, caracterizado no filme como um “poderoso chefe”.

São muitas as intertextualidades expressas no filme, a começar pelas notícias midiáticas sobre poder e corrupção. Mas o que esses jovens queriam dizer com seu projeto? Quais vozes perpassavam o discurso dos personagens, e por que encerrar o curta com o político recebendo, como presente, um CD que continha as provas contra ele, e a confirmação da morte do jornalista? As imagens nos convencem de que a impunidade sempre vence, ou é justamente esse jogo dialético que exprime o contrário?

Segundo a aluna Mariana Bernardino, que participou do projeto e dirigiu o curta, a intenção dos estudantes, na escolha das cenas finais durante o processo de montagem, expunha uma nítida crítica ao modo de se fazer política em nosso país: “Seria muito clichê deixar o jornalista vivo ou apresentá-lo como herói. Não precisamos de heróis. Queríamos discutir o papel da imprensa também, que muitas vezes se envolve em esquemas pouco lícitos, mas, principalmente, queríamos questionar nossos governantes em relação a suas práticas. Por isso essa inversão: nosso repúdio à corrupção se fez mostrando imagens de corrupção”, declara a jovem, com então 18 anos.

Esse depoimento chama a atenção pelo jogo dialético envolvido. Por meio de imagens, os jovens denunciam as falácias de argumentação que costumam justificar a

corrupção no Brasil. O recurso audiovisual torna-se o meio de repúdio e atuação política, superação da alienação na qual se encontram adormecidos pela própria mídia a grande maioria dos brasileiros, diante do medo, da perda do significado de justiça e do enfraquecimento dos horizontes morais.

#### **SEMIÓTICA: UM CAMINHO INDISPENSÁVEL À EDUCAÇÃO MIDIÁTICA**

A partir de nossa visão sobre o mundo contemporâneo, sobre a dinâmica da produção da cultura e suas relações com o *estar no mundo*, e ainda sobre o papel da educação, em especial da formação para esse mundo e nesse contexto, vimos a necessidade de incorporar um olhar semiótico à nossa metodologia de ensino no trato tanto com as disciplinas propedêuticas quanto, e principalmente, com as disciplinas técnicas, já que se trata de um curso de produção audiovisual. Essa intervenção da Semiótica oferece ao aluno uma visão mais abrangente dos signos e dos códigos, num momento histórico e inédito de hibridização dos saberes e criação de tecnologias combinadas, demonstrando-lhes a importância na formulação do raciocínio e, conseqüentemente, em sua expressão e comunicação eficientes neste contexto, com vistas à busca de uma compreensão e de uma atuação mais ampliada e útil sobre a realidade.

Assim, diante das discussões do que é texto, do que é discurso e de onde entra a imagem nesta seara comunicacional, caminhamos com o objetivo de instrumentalizar nossos alunos para o consumo crítico do cabedal textual-imagético com que lidamos todos os dias, ocasião em que a Semiótica nos oferece o suporte tanto no sentido de “dissecação” deste cabedal quanto no sentido de construção/produção de materiais (a partir dele) que encontrem vez e voz em nossa sociedade estabelecida como multimidiática. Diante do exposto, podemos dizer que a Semiótica se configura, para nós, como a ciência de toda e qualquer linguagem (SANTAELLA, 1985), como lente de aumento reveladora do mundo à nossa volta, já que otimiza a observação das relações entre sensibilidade, reação e raciocínio.

Essa ciência da linguagem nos dá subsídios para que possibilitemos aos estudantes enxergarem-se como um signo do/no mundo que devem interagir com os



demais signos que os cercam. Acreditamos que, ao assumir uma atitude semiótica, ser-lhes-á permitido vislumbrar, no fenômeno da *semiose* (processo de geração de significados e sentido), as ferramentas comunicativas da linguagem midiática ao desnudar, a partir de sua “tríade semiótica”, essa dimensão dos sentidos tão invisível, mas paradoxalmente tão persuasiva própria das múltiplas linguagens que cercam a nós e a nossos jovens. Em um mundo bombardeado por textos altamente apelativos e, por isso, formadores de opinião e comportamento, a formação crítica pelas linguagens midiáticas favorece uma apropriação mais efetiva da produção cultural por meio de um processo tripartido de percepção, relação e generalização dos constructos sociais, o qual viabiliza não só o consumo seletivo e proveitoso dessa produção mas, também, a eficaz criação de produtos de cultura. No curta *Confidencial*, projeto estudantil em análise nesta comunicação, fica explícito o processo de “regurgitação” das linguagens midiáticas pelo qual é traduzido imagetivamente o enredo do filme.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando um jovem produz um curta como os exemplificados aqui, ele não está reproduzindo informações massificadas pela mídia. Percebemos que, além de se aliar conhecimentos adquiridos e apreendidos em todas as disciplinas de sua grade curricular, esse estudante consegue, a partir de um olhar crítico, repensar sua sociedade e seu lugar nela, enxergar o outro como um ser que tem as mesmas necessidades que as suas, se indignar com as políticas públicas e com os mandos e desmandos de seus governantes, romper com a organização clássica e colonial que impera em seu país. É isso que os leva a ir pras ruas, a se indignar, a protestar, a exigir seus direitos como cidadão, porque ele antes está também cumprindo os seus deveres, pois promove uma transformação de si enquanto sujeito. É desse protagonismo que estamos falando, dessa forma de agir autônoma motivada pela reflexão sobre imagens, sobre o poder das mídias e sobre a manipulação.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AVELLAR, José Carlos. *O chão da palavra. Cinema e literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BAUMAN, Z. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- COMPARATO, Doc. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1983.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais - identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PALMA, Glória Maria. *Literatura e cinema*. Bauru: Edusc, 2004.
- REY, Marcos. *O roteirista profissional – Televisão e cinema*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1985, 3ª ed.
- SARDELICH, Maria Emília. “Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, mai./ago.-2006.
- TAYLOR, C. *A ética da autenticidade*. São Paulo: Realizações Ed, 2011.
- YUNES, Eliana. “Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo”. *Informare – Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*, v. 5, n. 1, p. 6-29, jan./jun.-1999.